

O FANTÁSTICO NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA: DE RUBÉN DARÍO A HORACIO QUIROGA

– Roseli Barbosa dos Reis, Maria Dolores Aybar Ramirez. – Letras – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

A presente pesquisa propõe-se abordar diferentes momentos do fantástico na literatura hispano-americana partindo de um corpus que compreende três contos de três autores distintos que escrevem em momentos históricos e estéticos diferentes. A primeira obra estudada é “El caso de la señorita Amelia” (publicado em *La Nación*, Buenos Aires em 1894), do escritor nicaraguense Rubén Darío. A segunda é o conto de Horacio Quiroga; “Historia de Estilicón”, incluído em seu livro de 1904 *El crimen del outro*.

O ponto de partida, nessa análise diacrônica que visa estabelecer as mudanças do fantástico entre um espaço de tempo relativamente curto, mas que contem mudanças significativas no gênero fantástico na literatura, é Rubén Darío e o Modernismo hispano-americano. Se pode resultar complicado classificar o segundo conto dentro de um dado momento estético, o primeiro é inegavelmente modernista, visto que seu autor tornou-se conhecido e consagrado, em grande parte do mundo, como o precursor de tal movimento literário que cultivou até sua morte em 1916.

Iniciamos falando de Rubén Darío, por conseguinte do modernismo, movimento estético inseparável do autor, mas para falar de ambos é preciso primeiro falar sobre José Martí, uma das maiores influências de Darío, mas também o precursor de tal movimento.

Surtem de Martí as idéias de um movimento anti-positivista assim como a idéia de uma América unida pela mestiçagem. Tais conceitos futuramente invadirão o Modernismo e serão defendidos também por Darío.

Em suma, o modernismo promove uma profunda renovação estética na qual a beleza da arte deveria ser a única, verdadeira e soberana mudança. Seu objetivo principal era promover o progresso intelectual da América, aliando novidade à produção literária.

O novo homem modernista está, como o romântico, desiludido e não crê mais nos ideais coletivos. Ele sente-se atraído por algo raro, esquisito, tornando-se isolado em seu próprio universo, no qual a arte resulta o objeto de maior valor e apreço. Do Romantismo, o modernismo tomou igualmente a imersão no oculto, no obscuro, no estranho, no grotesco, e no bizarro, e desse modo, desenvolve o gênero fantástico clássico, dos séculos XVIII e XIX.

Rubén Darío possui uma vasta produção literária em prosa, incluindo mais de oitenta contos de horror, os quais se dedicam exclusivamente ao tema de “mistério”. Os contos de Darío não seguem um padrão restrito apenas e podem ser encontrados tanto inseridos no fantástico clássico, como no maravilhoso.

Quiroga foi, na América Latina, o inventor do conto. Ele fez na América hispânica o mesmo que Poe faria nos Estados Unidos, ou seja, “sistematizou o relato breve e o elevou na prática até a categoria de gênero literário” (Castillo, 1996, p.15, tradução nossa). Suas histórias não são, seguindo a terminologia de Castillo (1996, p. 15) “romances frustrados, nem gravuras, nem poemas, nem prosa, nem vinhetas. São contos, o que caracteriza para o teórico, um gênero autônomo com leis estruturais próprias, ou um gênero que basta a si mesmo.

Há na obra de Quiroga, uma preocupação metafísica. Sua temática essencial, a morte, está presente tanto no espaço urbano de seus contos, quanto no espaço selvagem. Junto à morte, Quiroga trata de outros temas: do medo, da vontade, do drama entre transitório e o absoluto no homem, do amor, etc (Castillo, 1996). Em seus relatos tipicamente americanos, o fundamental nunca será a natureza como paisagem, mas sim o homem existencial, jogado na natureza.

No final do século XIX, o Romantismo na Europa, desenvolveu um tipo de literatura fantástica que foi denominada de “fantástico neomitológico”. Originário do romance gótico inglês, que segue uma linha na qual o terror é um dos elementos primordiais. Esse tipo de literatura, para Perini (2005) é uma literatura fantástica neomitológica que apresenta uma nova versão dos mitos, deuses, demônios e anjos da mitologia clássica, ou seja, um sobrenatural já existente, mas com uma nova roupagem.

O fantástico de Quiroga, a pesar de beber nas fontes desse fantástico neoclássico, oscila entre esse e formas mais próximas ao do realismo mágico.

Há várias teorias que se entrecrocavam quanto à precisão do nascimento do fantástico, mas a maioria dos estudiosos acreditam que tenha sido entre os séculos XVIII e XIX. Desde o seu surgimento, a teoria e a crítica da literatura fantástica evoluíram seguindo uma linha contínua de leituras e releituras, debates e discussões dos textos escritos por críticos e teóricos do assunto.

Para o presente trabalho, selecionei algumas das principais teorias da literatura fantástica, que apresentam maior complexidade e contribuíram para um esclarecimento mais amplo e abrangente a respeito do gênero fantástico.

É Louis Vax, em 1965, com a obra *La séduction de l'étrange* e mais tarde em 1972, com *A arte e a leitura fantásticas*, que lança a primeira dessas teorias, a qual nos diz que não necessariamente estabelecer parâmetros formais de leitura nos permitirá identificar um texto como sendo fantástico ou não. Portanto, Vax não acredita que se possa estabelecer uma tabela de temas e motivos que obrigatoriamente estariam presentes em uma narrativa fantástica, como seus predecessores afirmavam.

O mais famoso livro sobre a teoria da literatura fantástica, *Introduction à la littérature fantastique*, foi publicado em 1969 por Tzvetan Todorov. Nesta obra, Todorov estabelece três aspectos formais que compõem a narrativa fantástica, sendo eles: “o aspecto verbal, o aspecto sintético e o aspecto semântico” (Perini, 2001, p.78). Outro conceito fundamental da teoria de Todorov, que tenta demonstrar os mecanismos da literatura fantástica, é a hesitação, tanto por parte do leitor quanto por parte da personagem diante do sobrenatural.

Na década seguinte à publicação de Todorov, outra importante teoria é publicada. Trata-se de *La littérature fantastique: la poétique de l'incertain* (1974), de Irène de Bessière, que aborda o problema da literatura fantástica como um todo. Para Bessière, natural e sobrenatural são somente categorias puramente literárias (Paes, 1985, p. 9). Ela acredita que dentro da narrativa fantástica deve haver uma contradição entre real e irreal, razão e não razão, natural e sobrenatural.

Há muitas outras teorias sobre o fantástico, mas como dito anteriormente as teorias acima apresentadas foram extremamente importantes para uma compreensão mais clara e precisa sobre a literatura fantástica clássica, que se inicia no período do Romantismo com o gosto por uma estética à margem da estabelecida e aceita pela sociedade em geral. O gosto pelo sombrio, pelo obscuro, pelo grotesco e bizarro que misturava os sentimentos de medo e prazer.

O fantástico clássico segue uma evolução sem sobressaltos até início do século XX, momento em que sofre uma importante mudança com a publicação, em 1912, de *A metamorfose* de Franz Kafka. Esta obra decreta a ruptura entre o fantástico clássico e o novo, denominado por alguns críticos de Realismo Mágico.

Uma vez que o presente trabalho pesquisa momentos estéticos diferentes do fantástico na literatura hispano-americana, traço uma análise sintetizada dos principais argumentos deste gênero em sua nova paisagem americana.

O termo Realismo Mágico foi criado pelo crítico de arte alemão Franz Roh, na década de 1920, mas não se destinava à literatura senão a um certo tipo de pintura européia.

O Realismo Mágico propagou-se, difundiu-se e se afirmou ora como um subgênero, ora como um novo gênero de literatura, dependendo da perspectiva crítica que prioriza, no primeiro caso, o sentido da continuidade; no segundo, o ponto de vista a ruptura com o fantástico clássico. Esse novo fantástico desenvolveu-se de modo particularmente intenso e brilhante em língua espanhola e nas Américas Central e do Sul.

O conto “El caso de la señorita Amelia”, trata-se de uma narrativa que conta a história de um médico, que já na idade madura, propõe-se retomar uma história do passado. A narração inicia-se com a questão de como pode o ser humano deter o tempo.

O narrador apresenta-se como testemunha e não como protagonista da narrativa e narra uma história por ele vivenciada e que se inicia vinte três anos atrás, em Buenos Aires, quando morou vizinho da família Revall. Na casa dos Revall, além do patriarca, viviam as três senhoritas Revall: Luz, Josefina e Amelia, a mais nova com doze anos. O Doutor deixa Buenos Aires, por causa de seus estudos e percorre o mundo, em busca dos mistérios espirituais, ocultos e inexplicáveis da humanidade.

Após vinte e três anos de ausência, sem conseguir respostas para suas pesquisas, o médico retorna e descobre que a senhorita Amelia havia permanecido a mesma menina de vinte e três anos atrás, como se para ela o relógio do tempo tivesse parado. A história é, pois, uma analepse que parte do passado e desemboca no presente, momento da narração.

Darío consegue, com o conto “El caso de la señorita Amelia”, igualar-se aos contos dos grandes mestres do gênero fantástico que possuem narrações dessa índole.

Podemos observar que Darío segue fielmente a linha do fantástico clássico, pois há no conto, o tempo todo, uma atmosfera que nos conduz para o sobrenatural, aliada a elementos fantásticos diversos que se encaixam perfeitamente com a classificação que Todorov (1975) faria anos mais tarde sobre a composição de uma obra do gênero fantástico.

O conto levanta questionamentos próprios do homem, relacionados a sua origem e aos mistérios que nos cercam, mas liga-se igualmente às preocupações místicas, ocultistas e esotéricas próprias do modernismo. Na narrativa, cria-se desde as primeiras linhas, um ambiente repleto de dúvidas e estranhamento que propicia e prepara a surpresa final do conto e a aparição clara do fantástico:

— ¿Sabes cuáles son los principios del hombre? Grupa, jiba, linga, sharira, kama, rupa, manas, bruddhi, atma, es decir: el cuerpo, la fuerza vital, el cuerpo astral, el alma anima, el alma humana, la fuerza espiritual y la esencia espiritual... (Darío, 1995, p.22).

A atmosfera do sobrenatural, no conto, não é passada de forma explícita, pois não há desde o princípio um fato concreto que nos leve ao estranhamento ou ao terror propriamente ditos. O fantástico, porém, é criado gradativamente, a partir de um relato linear da vida cotidiana. O que nos leva pelo caminho do sobrenatural, do bizarro, do incomum são justamente os questionamentos introduzidos pelo narrador sobre os mistérios ocultos da vida, e sua busca incessante por respostas através do conhecimento e a compreensão dos demônios em todas as culturas.

O conto “Historia de Estilicón”, de 1904, narra a vida de um gorila retirado da Selva africana de Carmarão, ainda bebê, para viver com um senhor e seu velho criado, chamado Dimitri, o qual cuidaria dele.

O tempo passa e Estilicón torna-se um membro da família, por quem Dimitri nutre um grande carinho. Ele cresce e evolui chegando até mesmo a ler e escrever. Após um incidente, Teodora uma jovem de dezesseis anos, é levada por Dimitri para trabalhar na casa. Com o passar do tempo, Dimitri

tomado por ciúmes transforma seu amor, por Estilicón em ódio. Forma-se então um triângulo entre as três personagens, que culmina com a morte de Dimitri, assassinado por Estilicón e mais tarde com a morte de Teodora, por pneumonia. No final do conto, o narrador conclui que Teodora e Dimitri eram uma carga muito pesada para o “menino”.

Nas obras de Quiroga, temas como horror, loucura e morte aparecem constantemente. O macabro, aliado ao mórbido, é freqüentemente encontrado em sua produção. Mas, diferentemente do horror provindo da literatura fantástica clássica, na qual o leitor, juntamente com o narrador, negociavam um espaço verossímil, neste conto, o narrador negocia com o leitor um espaço de verossimilhança que se distancia do aceitável como realidade empírica. Porém essa realidade “inaceitável” possui fundamento nas teorias em debate no momento de produção deste conto, essencialmente das teorias evolucionistas de Darwin.

Estilicón é descrito de forma grotesca e monstruosa, pois, como vimos no conto de Darío, as histórias de horror podem se criar a partir da introdução de elementos estéticos fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. Assim, a menina Amelia e o indefeso macaquinho Estilicón, *a priori*, poderiam despertar ternura ou até piedade. Mas uma menina enigmática que desperta paixões dúbias como esse macaco, causam desde o início, um desconforto no leitor. Quebram-se assim, os padrões de normalidade e abrem-se as possibilidades para a introdução do fantástico.

“História de Estilicón” está, na transição entre dois momentos do fantástico. Por isso, torna-se tão complicado definir a qual desses momentos pertence, sem forçar a narrativa de um ou de outro lado desses momentos. Assim, se o conto de Quiroga possui fortes influências do fantástico clássico de Maupassant, Poe, Kipling e Chéjov, Quiroga, escritor visionário, introduz em seu conto uma narrativa diferente, na qual apaga-se a hesitação entre o real diante do irreal/sobrenatural como ocorria no fantástico clássico (Todorov, 1970, p.150).

Com objetivo de realizar uma análise diacrônica do gênero fantástico, a partir de dois contos de distintos autores pertencentes à literatura hispano-americana, tracei primeiramente um breve perfil do que foi o Modernismo Hispano-Americano que iniciou-se no final do século XIX e perdurou até a primeira década do século XX, constituindo um movimento inovação dos padrões estético-literários da época na América-Hispânica, baseando-se no padrão estético francês, do qual sofreu fortes influências. Tal movimento teve como principal fundador o escritor e poeta Rubén Darío.

Partindo dessa nova estética americana, e mais especificamente do gênero fantástico desenvolvido durante o Modernismo, tentei mostrar as mudanças da literatura fantástica durante o período de tempo que corresponde à produção dos contos analisados. Portanto, ao traçar uma linha do tempo sobre o gênero fantástico e estudar como esse se desenvolveu e se modificou nas obras analisadas, observamos que as influências do fantástico clássico europeu, que se aplicou como uma norma ao longo do século XIX, após algum tempo, deixa de ser regra na América Hispânica e segue um outro caminho.

Horacio Quiroga é um dos precursores dessa mudança. Ele abre caminhos na literatura como o faz nas selvas da América do Sul. Seu conto “Historia de Estilicón” estabelece o gênero fantástico sobre uma outra perspectiva. Nele não temos mais a influência direta do fantástico clássico, mas sim uma influência que aparecerá na obra, no entanto, mesclada com uma outra vertente do fantástico que mais tarde se chamaria de realismo mágico. Quiroga utiliza-se de ficção científica aliada ao imaginário grotesco e sombrio para criar um fantástico que estaria em transição entre o padrão clássico do século XIX e o novo que ainda se firmaria.

Algo, porém, cabe sublinhar como um forte elo de contato entre esses contos: os dois narradores masculinos narram suas experiências como personagens dirigindo-se aos leitores em primeira pessoa, como testemunhas e atores das histórias que narram. Ambos são dotados de uma certa frieza (mascarada em cientificismo). Com essa postura, quase desumana, levam as narrativas à denúncia do que seria o humano nos tempos modernos.